

Cia Limite 151

apresenta

O DOENTE IMAGINÁRIO



comédia de Molière

Direção
Jacqueline Laurence

CIA LIMITE 151

A Cia. Limite 151 foi fundada, em 1991, pelo diretor Marcelo de Barreto, pelo músico Wagner Campos e pelos atores Cris D'Amato, Gláucia Rodrigues e Edmundo Lippi. Desde lá, construíram um repertório diversificado, sempre buscando textos que lhes possibilitassem, sobretudo, o prazer de estar em cena.

"Procuramos nunca nos ligar de forma exclusiva a autores ou a movimentos estéticos. Trabalhamos pelo simples prazer de fazer teatro". Seguindo esta linha, construíram seu trabalho dando ênfase à busca por grandes textos e este caminho quase sempre os conduziu aos clássicos. Com isto, nestes 27 anos de existência, construíram um variado *portfólio*, que abrange momentos distintos da dramaturgia universal. Em suas montagens, estiveram sempre abertos a participações externas, convidando diretores de diversas tendências e contando com a colaboração de grandes atores.

Até hoje o grupo encenou 17 espetáculos: "Os Sete Gatinhos", de Nelson Rodrigues; "A Comédia dos Erros" e "O Mercador de Veneza", de William Shakespeare; "À Margem da Vida", de Tennessee Williams; "Dom Quixote de La Mancha", de Miguel de Cervantes; "Frankenstein", de Mary Shelley; "O Olho Azul da Falecida", de Joe Orton; "Os Contos de Canterbury", de Geoffrey Chaucer; "A Moratória", de Jorge Andrade; "O Santo e a Porca", "Auto da Compadecida e "O Casamento Suspeitoso" de Ariano Suassuna; "As Malandragens de Scapino", "O Aparente", "Tartufo – o Impostor", "As Preciosas Ridículas", "O Doente Imaginário" e "As Eruditas", de Molière; "Vicente Celestino – A Voz Orgulho do Brasil"; de Wagner Campos, "Thérèse Raquin", de Émile Zola e "Vaidades&Tolices de Anton Tchekov.

Em 2019, comemoramos o vigésimo sétimo aniversário de fundação da companhia. "Com isto, esperamos caminhar para os próximos anos, sempre saboreando teatro", garantem.

O DOENTE IMAGINÁRIO

O AUTOR

Gênio da literatura francesa e universal, Molière adotou as formas tradicionais da comédia e revitalizou-as num novo estilo, em que os contrários se confrontam: a verdade se opõe à falsidade, a inteligência ao pedantismo. Esse estilo, unido à aguda percepção do absurdo da vida cotidiana, deu às obras de Molière um caráter inimitável.

Jean-Baptiste Poquelin, conhecido como Molière, foi batizado em Paris em 15 de janeiro de 1622. Filho de um rico fornecedor de tapetes da casa real, recebeu educação privilegiada no colégio de Clermont. Recusou-se, porém, a seguir a carreira do pai e decidiu abraçar o teatro. Em 1643 fundou em Paris, junto com outros nove atores a companhia L'Illustre-Théâtre, que se apresentou em Paris durante dois anos. Adotou o nome artístico de Molière e, totalmente responsável pelo grupo, tentou manter um teatro, mas as dívidas, que o levaram duas vezes à prisão, obrigaram o grupo a deixar a capital em 1645.

Durante os 13 anos seguintes, a companhia excursionou pela França, representando obras do repertório clássico e algumas peças curtas escritas por Molière. A experiência que adquiriu nessa época como autor e diretor foi decisiva para seu triunfo posterior, pois Molière, embora extraordinário escritor, jamais concebeu suas obras para a publicação, mas sim para a representação, e sua trama adaptou-se sempre às necessidades da ação cênica.

O caminho para o sucesso se abriu para Molière em 1658, quando a companhia pôde representar diante do rei Luís XIV a obra "Nicomède", de Corneille, e uma peça curta do próprio Molière, "Le Docteur amoureux" ("O médico apaixonado"). Seu êxito foi tão retumbante que o duque Filipe de Orléans, irmão do rei, tomou o grupo sob sua proteção e, sete anos mais tarde, o próprio monarca concedeu-lhe seu favor e deu à companhia o nome de Troupe du Roi.

A primeira obra importante de Molière representada em Paris, "Les Précieuses ridicules" (1659; "As preciosas ridículas"), já continha a crítica à afetação e o apelo ao bom senso que caracterizariam sua obra. Em 1660-1661 a companhia estabeleceu-se definitivamente numa sala do Palais-Royal preparada

para funcionar como teatro. A partir de então, Molière apresentaria em Paris – e apenas ocasionalmente em outros lugares – 31 obras próprias e muitas outras de diversos autores, e sustentaria uma luta perene contra as acusações de imoralidade e as proibições que com frequência suscitaram suas obras.

Escola de Mulheres (1662), representada depois de Sganarelle (1660), teve grande êxito, mas foi ainda maior o da estreia de "Tartuffe" ("Tartufo") em 1664. Por meio de um diálogo de enorme sutileza e força cômica, o autor apresentava a figura de um homem sensual e lascivo que, sob a aparência de asceta virtuoso, consegue aproveitar-se da confiança de seu protetor e inclusive voltá-lo contra a família, e só é desmascarado quando tenta seduzir a dona da casa. A crítica à hipocrisia religiosa levantou contra Molière o clero católico, que conseguiu proibir "Tartuffe" por cinco anos e "Dom Juan", ou "Le Festin de pierre" ("Dom Juan"), obra da mesma época, por toda a vida do autor.

Em 1665, contudo, Molière conseguiu outro triunfo clamoroso com "Le Misanthrope", paródia de um personagem de princípios rígidos que não considera ninguém digno de comparar-se com ele e, para além de sua absurda arrogância, ignora, como muitos dos protagonistas do comediógrafo francês, sua verdadeira natureza. Depois de "Le Médecin malgré lui" (1666; "Médico à força"), Molière criou "L'Avare" (1668), uma de suas obras-primas. A paradoxal condição do personagem central, desumano em sua paixão pelo dinheiro e desejoso ao mesmo tempo de amor e respeito, foi descrita por Goethe como mais trágica do que cômica. De qualquer modo, a comicidade da obra repousa não na farsa hilariante, mas na percepção da ambiguidade da natureza humana e, talvez por essa razão, foi pouco apreciada.

Os últimos anos da vida de Molière foram marcados por uma contínua degradação em sua saúde. Apesar disso, ele foi capaz de produzir comédias notáveis como "Le Bourgeois gentilhomme" (1670), amável caricatura dos esforços de um novo rico para adquirir boas maneiras; e "Les Femmes savantes" (1672). Nelas, como em toda sua obra, Molière mostra os traços estilísticos que soube criar e que transformariam a arte da comédia: a utilização precisa do diálogo, com uma linguagem adequada à natureza e ao nível social de quem os empregava – pobres, burgueses, farsantes ou criados – e a ação, cujo progresso se baseia na inter-relação dos diferentes personagens.

O DOENTE IMAGINÁRIO

SINOPSE

Escrita em 1673, até hoje “Le Malade Imaginaire” (“O Doente Imaginário”) título original de mais uma das geniais comédias de Molière, mantém-se atual por tratar do gênero humano , tornando-se assim mais um clássico valor cultural da humanidade.

Nesta obra, Molière coloca como tema central da discussão a Medicina e seus valores, seu poder e suas mazelas. Coloca – e nem poderia faltar, como centro da ação, seus doentes e médicos, as neuroses de um hipocondríaco, e as inseguranças do ser humano diante da saúde.

A trama, por ser clássica e obra de gênero, amalha intrigas (uma empregada íntima da casa, Antonieta) e romance: Angélica, filha de Argan, o Doente, rico e avaro burguês, tipo que sempre encontramos nas comédias de Molière, e que sofre do que hoje chamamos de Hipocondria.

Angélica apaixona-se por um rapaz, o romântico Cleanto, enquanto o pai deseja que ela se case com um médico, Dr. Laxante Filho – filho e sobrinho de médicos, pois desta forma ele teria assegurado as consultas e cuidados médicos gratuitos dentro da sua própria casa. Com a cumplicidade de Antonieta, a fiel aia, que praticamente a criou (Argan é viúvo, casado em segundas núpcias com a interesseira Belinha, muito mais jovem que ele, e extremamente intrigante) Angélica corresponde-se com o amado Cleanto, enquanto apela ao seu tio – Beraldo (adversário da medicina como comércio) para que convença Argan a desistir do casamento dela com o jovem médico, sobrinho do Dr. Purgante, médico particular de Argan.

Neste ambiente, e neste enredo, extremamente moderno em suas ações e conflitos, desenrola-se uma das melhores comédias de Molière.

O DOENTE IMAGINÁRIO

O ESPETÁCULO

“O Doente Imaginário” é o sonho dos comediantes, é o sonho de quem vive em teatro e é um presente para quem se deparar, em qualquer palco, com esta deliciosa comédia de Molière. Verdadeira obra-prima do gênero, “O Doente Imaginário” nos faz rir sem parar da capacidade que os homens sempre tiveram de se expor ao ridículo pelos motivos mais extravagantes, ao mesmo tempo que nos obriga a contemplar com olhar generoso estas mesmas fraquezas. Afinal de contas, rir de nós mesmos, é o que Molière quer nos dizer, com bom-senso e graça irrepreensíveis.



O DOENTE IMAGINÁRIO

ELENCO

ÉLCIO ROMAR	ARGAN
GLÁUCIA RODRIGUES	ANTONIETA
NEDIRA CAMPOS	BELINHA
ANDRESSA LAMEU	ANGÉLICA
DIEGO BRAGA	DR. PURGANTE E TABELIÃO
LEO THURLER	THOMAS LAXANTE FILHO
MARCIO RICCIARDI	DR. THOMAS LAXANTE
GABRIEL NAEGALE	CLEANTO
EDMUNDO LIPPI	BERALDO

O DOENTE IMAGINÁRIO

FICHA TÉCNICA

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO	JOÃO BETHENCOURT
DIREÇÃO	JACQUELINE LAURENCE
CENÁRIO E FIGURINOS	COLMAR DINIZ
ILUMINAÇÃO	ROGÉRIO WILTGEN
MÚSICAS E DIREÇÃO MUSICAL	WAGNER CAMPOS
PROGRAMAÇÃO VISUAL	SYDNEY MICHELETTE
DIVULGAÇÃO	J PONTES COMUNICAÇÃO
PRODUÇÃO EXECUTIVA	VALÉRIA MEIRELLES
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO	EDMUNDO LIPPI

JACQUELINE LAURENCE

Formou-se em interpretação pela Fundação Brasileira de Teatro, dirigida por Dulcina de Moraes, e trabalhou muitos anos no Teatro Tablado, onde participou da criação de várias das famosas peças de Maria Clara Machado.

Em 1981, ganhou o "Prêmio Mambembe de Melhor Atriz", pelos seus desempenhos nas peças "Madame de Sade" e "As Criadas". Em 1985, recebeu o "Prêmio Molière de Melhor Atriz" pela peça "Tupã, a Vingança".

Em 1990, recebeu novamente o "Prêmio Molière de Melhor Atriz" por sua interpretação na peça "Isso é Tudo". Em 1996, por sua interpretação no papel de Virginia Woolf na peça "Vita & Virginia" recebeu o "Prêmio Cultura Inglesa de Melhor Atriz" e foi indicada para o "Prêmio Mambembe de Melhor Atriz".

Em 1984, assinou sua primeira direção com "Esperando Godot", de Samuel Beckett, com André Valli, a quem voltou a dirigir em "O Fecitista", de Michel Tournier.

Dirigiu Miguel Falabella e Guilherme Karan num dos grandes sucessos da dupla – "Sereias da Zona Sul" de Miguel Falabella e Vicente Pereira.

É responsável ainda pela direção de um dos maiores sucessos dos últimos anos: o espetáculo solo de Miguel Falabella, "Louro, Alto, Solteiro, Procura...", de Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella.

Entre seus últimos trabalhos como diretora destacamos as peças: "Tartufo, O Impostor" e "O Doente Imaginário", ambas de Molière, o musical "Personalíssima", de Julio Fischer e "E agora? O que faço com o pernil?", ambas com Rosamaria Murtinho.

Em 2007, comemorando seus 50 anos de profissão, protagonizou a comédia "As Eruditas" de Molière, com direção de José Henrique.

Em 2010 dirigiu o musical "Vicente Celestino – A Voz Orgulho do Brasil", de Wagner Campos e em 2011 o musical "Chopin & Sand: Romance sem Palavras", de Walter Daguerre.

Em 2012 dirigiu o musical "Nó Sempre Temos Paris! de Arthur Xexéu e em 2013 as peças "Piquenique no Front", de Fernando Arrabal e "Batalha de arroz num ringue para dois" de Mauro Rasi.

O DOENTE IMAGINÁRIO

A CENA

O interior burguês dos doentes imaginários

Desde a primeira leitura – com toda a féerie e entremezes do texto original – pensei que mesmo 329 anos depois ainda estavam ali presentes os eternos complexos meandros da alma humana em personagens que se apresentam um a um no simples espaço – é a rubrica – de um interior burguês. Nada mais contemporâneo.

Para mim, tudo muito limpo (o texto já é suficientemente escatológico) podendo evocar/representar qualquer época: o século XVII e suas volutas barrocas, os desenhos arquitetônicos art-nouveaux do fim do século XIX e início do XX ou até o pós-segunda guerra nos áureos tempos do Quitandinha em Petrópolis.

E já que a ação se passa no Carnaval de 1673 nada melhor que cada personagem se disfarce, coloridamente, eclesiasticamente, de si mesmo (Ah! os interiores burgueses) a justiça cega, os namorados afoitos, os médicos inimigos caridosos, a razão limpa, alva, clara, etc.

332 anos depois, Argans, provocantes e poderosos continuam fingindo-se de doentes (ou qualquer outro disfarce), contando moedas e recebendo pesados trocos na sociedade burguesa, hipócrita e venal que eles e seus pares criaram.

Colmar Diniz
Cenógrafo/figurinista

CIA LIMITE 151

- ◆ 2016: "O Casamento Suspeitoso" de Ariano Suassuna, direção de Gláucia Rodrigues e Wagner Campos.
- ◆ 2016: "Vaidades&Tolices" de Anton Tchekhov, direção de Sidnei Cruz com Marcello Escorel, Edmundo Lippi, Flávia Fafiães, Rafael Canedo e Isabella Dionísio. *Indicado ao Prêmio Shell 2016 de Melhor Ator – Marcelo Escorel*
- ◆ 2015/17: *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, direção de Sidnei Cruz com Gláucia Rodrigues, Rafael Canedo, Edmundo Lippi, Robson, Arnaldo Marquês, Jacqueline Brandão, entre outros.
- ◆ 2015: *O Olho Azul da Falecida* de Joe Orton, direção de Sidnei Cruz com Tuca Andrada, Mário Borges, Gláucia Rodrigues, Rafael Canedo, Helder Agostinni e Johnny Ferro.
- ◆ 2013/17: *O Doente Imaginário* de Molière, direção de Jacqueline Laurence com Élcio Romar, Gláucia Rodrigues, Gustavo Ottoni, Edmundo Lippi entre outros.
- ◆ 2012: *O Olho Azul da Falecida* de Joe Orton, direção de José Henrique com Genézio de Barros, Gláucia Rodrigues, Élcio Romare, Marco Pigossi, Helder Agostinni e Rico Malta. - São Paulo.
- ◆ 2012/14: *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, direção de Sidnei Cruz com Gláucia Rodrigues, Marco Pigossi, Edmundo Lippi, Lucci Ferreira, Samuel de Assis, Arnaldo Marquês, Jacqueline Brandão, entre outros.
- ◆ 2011/13: *Thérèse Raquin* de Émile Zola, direção de João Fonseca com Gláucia Rodrigues, Lucci Ferreira, Suzana Faíne, Rogério Fróes, Edmundo Lippi, Janaína Prado e Rodolfo Mesquita
- ◆ 2010/12: *Vicente Celestino – A Voz Orgulho do Brasil* de Wagner Campos, direção de Jacqueline Laurence com Alexandre Schumacher, Stella Maria Rodrigues, Pedro Garcia Netto, Edmundo Lippi, Jacqueline Brandão, entre outros. *Indicado ao Prêmio Shell de Melhor Ator – Alexandre Schumacher*
- ◆ 2008/09/10/13: *O Santo e a Porca* de Ariano Suassuna, direção de João Fonseca com Ewerton de Castro, Gláucia Rodrigues, Élcio Romar, Armando Babaioff, Marcio Ricciardi, Duaia Assumpção, entre outros. *Prêmio APTR de Melhor Figurino – Ney Madeira. Indicado o Prêmio Shell de Melhor Atriz – Gláucia Rodrigues e Melhor Figurino – Ney Madeira*

- ◆ 2007/08/10/11: *As Eruditas* de Molière, direção de José Henrique com Jacqueline Laurence, Henrique César, Theresa Amayo, Gláucia Rodrigues, Emilia Rey, Marco Pigossi, Élcio Romar, João Camargo, entre outros
- ◆ 2006/07/11: *As Preciosas Ridículas* de Molière, direção de Cláudio Torres Gonzaga com Helena Ranaldi, Marcos Oliveira, Gláucia Rodrigues, Roberto Lopes, André Frazzi, Mouhamed Harfocuh, entre outros
- ◆ 2004: *Tartufo, O Impostor* de Molière, tradução e direção de Jacqueline Laurence com André Valli, Edney Giovenazzi, Gláucia Rodrigues, Amélia Bittencourt, Janaína Prado, Emilia Rey, entre outros
- ◆ 2004: *Os Contos de Canterbury* de Geoffrey Chaucer, adaptação de Wagner Campos, direção Sidnei Cruz com Pietro Mário, Suzana Abranches, Gustavo Ottoni, Sérgio Machado, Marcio Ricciardi, entre outros
- ◆ 2001: *A Moratória* de Jorge Andrade, direção de Sidnei Cruz com Leonardo Villar, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi, Amélia Bittencourt, entre outros
- ◆ 1999/2004: *O Avaro* de Molière, tradução e direção de João Bethencourt com Jorge Dória, Jacqueline Laurence, Ida Gomes, Bruno Garcia, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi, entre outros
- ◆ 1996/98: *O Olho Azul da Falecida* de Joe Orton, direção de Sidnei Cruz com Heleno Prestes, Gláucia Rodrigues, entre outros. *Indicada para o Prêmio Cultura Inglesa de Melhor Atriz – Gláucia Rodrigues*
- ◆ 1996/98: *As Malandragens de Scapino* de Molière, direção de João Bethencourt com Gláucia Rodrigues, Thelmo Fernandes, Edmundo Lippi, entre outros
- ◆ 1995: *Frankenstein* de Mary Shelley, direção de Angela Leite Lopes com Ednei Giovenazzi, Marcelo Escorel, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi, entre outros. *Indicado para o Prêmio Shell de Melhor Iluminação – Rogério Wiltgen*
- ◆ 1994: *À Margem da Vida* de Tennessee Williams, direção de Roberto Vignati com Camila Amado, Rubens Caribe, Cristiane D'Amato e Edmundo Lippi
- ◆ 1993: *O Mercador de Veneza* de William Shakespeare, direção de Cláudio Torres Gonzaga com Ednei Giovenazzi, Bruno Garcia, Edmundo Lippi, Gláucia Rodrigues, Flávia Monteiro, Marcelo Escorel, entre outros. *Indicado para o Prêmio Shell de Melhor Ator Ednei Giovenazzi*
- ◆ 1992/93: *A Comédia dos Erros* de William Shakespeare, tradução de Bárbara Heliadora, direção de Cláudio Torres Gonzaga com Fábio Junqueira, Suelly

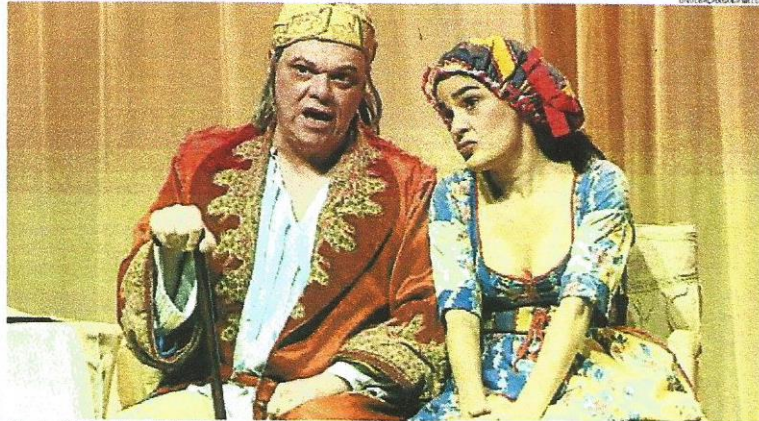
Franco, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi, Cristiane D'Amato, entre outros.
Indicada para o Prêmio Shell de Melhor Direção – 1992

- ◆ 1991: *Dom Quixote* de Cervantes, adaptação de Wagner Campos, direção de Cláudio Torres Gonzaga. *Indicado para o Prêmio Coca-Cola – ator, figurino e iluminação*
- ◆ 1991: *Os Sete Gatinhos* de Nelson Rodrigues, direção de Marcelo de Barreto com Carlos Alberto, Rômulo Arantes, Flávia Monteiro, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi entre outros



Artes Cênicas

LUIZ FELIPE REIS



Afinados. Elcio Romar (Argan) e Glúcia Rodrigues (Antonieta) têm os dois papéis principais e as melhores atuações: reestrea em 3 de janeiro no Fashion Mall

Prazer de ver Molière

Montagem em cartaz até hoje no Teatro Maison de France sofre um pouco pela limitação de verbas, mas faz o máximo possível dentro desses limites

Teatro

Crítica

"O doente imaginário"

Teatro Maison de France

BARBARA HELIODORA
segundocaderno@oglobo.com.br

É um prazer ver de volta aos palcos do Rio o magistral texto de Molière "O doente imaginário", das mais conhecidas das memoráveis comédias desse gênio teatral francês, que, a respeito da própria obra, fez a preciosa afirmação "eu crítico os vícios, não as pessoas".

Argan, o tolo mor da trama, só acredita em quem o bapado, na trama secundária, em que a segunda mulher planeja ficar com tudo o que é ele, um delirioso truque serve para podar suas ilusões; mas, para seu culto aos médicos, a situação é mais complexa. Nessa última obra, o autor que, tuberculoso, tinha os seus motivos para se queixar da incompetência dos médicos, a crítica alcança tanto o patético enganado, eternamente explorado pelos que embriam a ignorância com termos em latim,

A direção de Jacqueline Laurence mistura o conhecimento de época com alguma concessão ao humor brasileiro, deixando clara a linha crítica do texto; o elenco, em sua maioria, procura servir bem Molière em sua trama

quanto os exploradores, abertamente denunciados pela hipocrisia com que se dizem sábios e fingem curar todas as doenças a respeito das quais não sabem nada. O pior aspecto do drama imaginário, Argan, e seu egotismo, é deixar sua mania contaminar os valores familiares, ficando pronto a sacrificar a filha.

A cena final, que mostra como se faziam os médicos, é uma das mais arrasadoras denúncias em forma dramática de todos os tempos.

A montagem em cartaz no Teatro Maison de France (só até hoje) sofre um pouco pela óbvia limitação de verbas, mas certamente faz o máximo possível dentro desses limites. Colmar Diniz resolve a cenografia com cortinas de renda que servem para evocar tempos idos, e só mantendo na memória certa o tom crítico para com o alitiço do pai e do marido, mas sendo sempre carinhosa com a filha, que tem a felicidade ameaçada pelos desmandos paternos.

Molière, como sempre, é impecável: sua visão dos homens e suas fraquezas e vícios continua tão sensata e válida quanto foi há quase 350 anos, seu humor não saudável. ■

Considerado um dos melhores textos de comédia escritos pelo dramaturgo francês Molière (1622-1673), *O doente imaginário* ganha nova montagem, com encenação da diretora Jacqueline Laurence e a Cia Limite 151, no Teatro Eva Herz da Livraria Cultura do Rio de Janeiro. De 13 de outubro a 16 de dezembro, o público conhecerá uma história que reúne intrigas e romances na mesma trama. Angélica, filha de Argan, um rico, avaro e hipocondríaco burguês, apaixonou-se pelo romântico Cleanto. O pai, no entanto, quer que ela se case com um médico, pois assim conseguirá consultas gratuitas sem precisar sair de casa. A tradução e a adaptação são de João Bethencourt (1924-2006). (CZ)

14

AO ENCONTRO DE MOLIÈRE



48 | O GLOBO | ZONA SUL
Quinta-feira 26.10.2017

BAIXO CENTRO

A coluna divulga eventos da região. As informações devem ser enviadas até dez dias antes da publicação para o e-mail baixocentro@oglobo.com.br

Molière no Teatro Eva Herz

Clássico do dramaturgo francês Molière, "O doente imaginário" é atração no Teatro Eva Herz, na Livraria Cultura (Rua Senador Dantas 45, Cinelândia. Telefone: 3916-2600). Com direção de Jacqueline Laurence, tem tradução e adaptação de João Bethencourt. A peça fala da paixão da filha de um rico, avaro e hipocondríaco burguês por um rapaz. De terça a sábado, às 19h. Até 3 de novembro, R\$ 40. A partir de 4 de novembro, R\$ 40 (terças e quartas) e R\$ 60 (de quinta a sábado). Até 16 de dezembro.



DIVULGAÇÃO

AT2 Fim de Semana

Comédia "O Doente Imaginário"

Peça baseada na última obra do dramaturgo francês Molière estará no Teatro Carlos Gomes de hoje a domingo

Aline Goltara

A peça "O Doente Imaginário" desembarca em Vitória neste fim de semana com o olhar crítico do dramaturgo francês Molière sobre comportamentos humanos.

A peça foi o último texto escrito pelo francês e conta a história da vida de Argan, um senhor hipocondríaco que pretende casar a filha, a romântica Angélica, com o médico Tomaz Desaforo. O problema é que ela ama Cleanto e tenta convencer o pai a desistir do casamento arranjado.

Molière afirmava que a montagem era uma crítica aos vícios, não às pessoas, pensamento compartilhado pela diretora do espetáculo, Jacqueline Laurence.

"Molière mostra as pessoas como elas são. O que ele faz é retratar os desvios de comportamento do homem. O que o homem desen-



DIVULGAÇÃO
O ESPETÁCULO "O Doente Imaginário" conta a história de um senhor hipocondríaco que tenta casar a filha com um médico

vesse realmente batido as botas", completa a diretora.

O espetáculo é da Cia Limite 151 que tem mais de 20 anos de experiência e já montou alguns textos do dramaturgo francês Molière, como "O Avaro", "Tartufo", "As Malandragens de Escapino", "As Preciosas Ridículas", e "As Eruditas".

SERVIÇO

"O Doente Imaginário"

- O QUE: Comédia de autoria do dramaturgo francês Molière
- QUANDO: Hoje e amanhã, às 21h, e domingo, às 19h
- ONDE: Teatro Carlos Gomes
- ENDEREÇO: Praça Costa Pereira

- Centro, Vitória
- INGRESSOS: R\$ 50,00 (Inteira) e R\$ 25,00 (meia)
- VENDAS: Na bilheteria do teatro, das 14 às 19h
- CLASSIFICAÇÃO: 10 anos
- INF: 3132-8398 e 7812-1961

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

AT2

Confusões e casamento arranjado

Em "O Doente Imaginário", que estará no fim de semana no Teatro Carlos Gomes, homem hipocondríaco quer casar a filha com médico

Aline Goltara

Considerado pelos especialistas em teatro como um dos melhores textos de comédia escrito pelo dramaturgo francês Molière, "O Doente Imaginário" ganha nova montagem, com encenação da diretora francesa Jacqueline Laurence e o grupo carioca Cia Limite 151.

O espetáculo desembarca em Vitória, na sexta e no sábado, às 21h, e domingo, às 19h, com apresentações no Teatro Carlos Gomes, no centro de Vitória.

A peça foi a última escrita e interpretada por Molière, que sofreu um ataque em pleno palco durante uma apresentação, morrendo logo depois.

Conta a história da vida de Argan, um idoso hipocondríaco que pretende casar a filha, a romântica Angélica, com o médico Tomaz Desaforo, a fim de ter socorro constante, consultas e receitas. Mas Angélica ama Cleanto e tenta convencer o pai a desistir do casamento arranjado.

O tom humorístico e satírico da história, expondo as relações entre médico e paciente, faz denúncias e cria o riso, surpreendendo a plateia.

SERVIÇO

"O Doente Imaginário"

- O QUE: Comédia de autoria do dramaturgo francês Molière
- QUANDO: Sexta e Sábado, às 21h, e domingo, às 19h
- ONDE: Teatro Carlos Gomes, Praça Costa Pereira, Centro, Vitória
- INGRESSOS: R\$ 50,00 (Inteira) e R\$ 25,00 (meia)
- VENDAS: Na bilheteria do teatro, das 14 às 19h
- CLASSIFICAÇÃO: 10 anos
- INF: 3132-8398 e 7812-1961



DIVULGAÇÃO
"O Doente Imaginário", escrita pelo dramaturgo francês Molière, será encenada pelo grupo carioca Limite 151



TONICO PEREIRA e Gláucia Rodrigues: boas atuações na encenação dirigida por Jacqueline Laurence

O doente imaginário: Espetáculo harmônico respeita obra do dramaturgo

Um bom texto de Molière numa montagem que faz rir e pensar

Barbara Heliodora

TEATRO
CRÍTICA

Última obra de Molière, "O doente imaginário" é um brilhante exemplo da comédia de caráter, forma na qual o autor jamais foi superado. Insistindo sempre em atacar os vícios, não os indivíduos, é impossível não encontrar na peça uma amargura particular em relação à hipochondria de Argan, que o faz cultuar os médicos e a medicina que foram incapazes de salvar a vida do autor. Quantas obras-primas a mais não teria podido legar-nos Molière, se essa última comédia mostra seu talento ainda em pleno esplendor.

A fluente tradução de João Bethencourt, cortando os entreatos que faziam da obra uma *comédie-ballet*, gênero particularmente popular na corte, deixa mais evidente a impecável construção da trama, mostrando ainda uma vez, como em "O avaro" e "Tartufo", por exemplo, as consequências para a família do erro básico do protagonista, felizmente sempre um erro corrigível pelo riso do ridículo.

Como nas outras obras mencionadas, em "O doente

imaginário" mostra um protagonista mais preocupado com sua própria mania do que com a família, e ele mesmo vítima de um casamento despropósito, com uma mulher interessada que o conquistou pelo simples método de fingir que acredita em suas muitas e inexistentes moléstias... Um diálogo impecável cria personagens que, mesmo tipos, são individualizados e compõem um mundo delicioso; a ação é dosada para ir se agravando cada vez mais, até a explosão e correção do "vício" que perturbava a harmonia do grupo.

Encenação evita artificios desmedidos

A montagem em cartaz no Teatro Leblon tem o grande mérito de fundamentar toda a sua graça no texto de Molière e evitar os artificios desmedidos. A cenografia de Colmar Diniz, uma série de cortinas claras decoradas com rendas, oferece o campo neutro do neoclassicismo aliado à leveza da comédia, e seus figurinos são em sua grande maioria igualmente elegantes e satisfatórios. A luz de Rogério Wiltgen é correta; e muito adequada à época da ação é a música de Wagner Campos. A direção

de Jacqueline Laurence tem como preocupação básica servir a Molière, conduzir o espetáculo com a clareza necessária para que o todo possa divertir e também conter o pensamento crítico que o autor expressa com tamanha segurança.

O elenco, com isso, é levado à composição de um todo bastante harmônico: Flávia Fafiães se defende melhor do que Frank Borges nos sempre ingratos papéis dos jovens namorados; Gustavo Ottoni, Paulo Carvalho e Marcio Ricciardi são mais exagerados a fim de denunciar a vigarice médica que Molière tanto condenava; Nedira Campos e André Frazzi são adequadamente hipócritas; Nildo Parente dá o tom certo a seu Berardo, símbolo do bom senso; Gláucia Rodrigues é uma Nêta divertida e segura como condutora da intriga; e Tônico Pereira consegue fazer um Argan tonto e cegado por sua mania, mas com momentos nos quais, acertadamente, também ri de si mesmo.

É gratificante ver um bom texto de Molière, e mais gratificante ainda apresentado em um espetáculo no qual se pode rir e pensar. ■